



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - CCS
CURSO DE BACHAREL EM PSICOLOGIA



JAILSON PEREIRA DA SILVA

Construindo a Visibilidade: Identidade e Saúde Mental dos Garis em uma Revisão Narrativa

Teresina-PI

2025

JAILSON PEREIRA DA SILVA

Construindo a Visibilidade: Identidade e Saúde Mental dos Garis em uma Revisão Narrativa

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade Estadual
do Piauí como parte dos requisitos
para conclusão do curso de
graduação de Bacharelado em
Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Sales
Lima

Teresina-PI
2024

Dedico este trabalho aos meus pais, irmãos, cunhadas e sobrinhos que suportaram com amor e cuidados, o ardor deste percurso, mas que, também, compartilharam dos meus sorrisos de felicidades, por cada degrau subido.

Ao meu namorado Manuel, aos meus amigos queridos, especialmente Carol, Jhonatan e Layane, aos meus colegas de turma da PSI 40 (Nossa história mora nos afetos).

À memória de Alice Mirella, minha “verdadeira maravilha”, com quem, em seus 6 anos de vida em terra, me ensinou a ter um olhar de amor e ternura, e ser acolhedor com qualquer pessoa. Afilhada amada, meu eterno amor a ti!

AGRADECIMENTO

Quando pensava em ser psicólogo me movia o desejo de fazer a outra pessoa se sentir existente, visível, ter voz e se sentir parte viva desse mundo. Olho o meu passado e me recordo, em lágrimas, o quanto a invisibilidade, mesmo não entendendo o que era, me atingia. Me incomodava não existir e ver o mesmo acontecer com tantas pessoas por conta da cor, do grau de instrução, da profissão, do gênero... Me impulsionar para sair da invisibilidade e estender a mão para resgatar tantos outros, através de uma escuta qualificada, de um olhar acolhedor e de um simples “estou aqui com você!”, é o meu movimento quanto profissional da psicologia. Nisso, entendo que, o aprofundamento de estudos sobre as pessoas da sociedade, que são invisibilizadas, é, de alguma forma, um grito de existência, uma lâmpada acesa no calabouço que essas pessoas são jogadas, dando assim, nas duas dimensões, visão do caminho: o invisível se enxerga, e vê um mundo do qual também faz parte; a sociedade consegue ver a identidade do invisível, que nesse lugar foi colocado por não atender a padrões impostos e nem constituir o topo da pirâmide social. Assim, agradeço a Universidade Estadual do Piauí por, mesmo nas suas limitações, ter me acolhido no corpo discente, me permitindo aprofundar estudos que me auxiliaram na construção do conhecimento psicológico e desta pesquisa. Agradeço também ao corpo docente, e aqui trago meu orientador, professor Leonardo Sales que no compartilhamento do saber, me proporcionou estruturar uma forma de pensar e agir com ética, respeito e humanização, me conduzindo no desenvolver deste estudo, sempre com muita atenção, gentileza e compreensão das minhas limitações; pelos livros que me emprestou sem prazo de devolução, os quais me fez conhecer de forma ainda mais apaixonante a psicologia social e a visão integral da pessoa em suas constante estruturação da identidade; por me fazer acreditar que tudo daria certo na dedicação e paciência. Agradeço aos órgãos SEMDUH (Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Habitação) e SEEACEP (Sindicato Dos Empregados Em Empresas De Asseio E Conservação Do Estado Do Piauí), por terem sido tão colaborativos, fornecendo dados necessários para a elaboração da pesquisa de campo, ainda que essa não tenha seguido o percurso inicialmente desejado. Por fim, agradeço a minha ancestralidade, a qual me aproximei durante a elaboração deste trabalho, ao me deparar com questões

raciais e me encontrar nesse lugar enquanto homem negro, que busca referencia em suas raizes, sem aceitar ser posto em um lugar de menosprezo, mas entendendo o sentido e a força da resistencia, traçada pelos antepassados e viva em cada pessoa preta que não se deixa calar.

RESUMO

Este estudo aborda, por meio de uma análise bibliográfica, a identidade profissional dos garis e sua saúde mental, destacando o fenômeno da invisibilidade social e as condições de trabalho adversas enfrentadas por esses profissionais. O objetivo foi analisar como as características identitárias e os problemas de saúde mental são tratados na literatura científica, considerando as demandas sociais, profissionais e culturais que envolvem os garis. A pesquisa, desenvolvida no formato de revisão narrativa qualitativa, incluiu a análise de produções acadêmicas publicadas até 2023. Os resultados indicam que os garis enfrentam estigmatização, marginalização, condições laborais precárias, desvalorização social e impactos negativos em sua autoestima e saúde mental. Fatores como jornadas exaustivas, exposição a riscos ocupacionais e ausência de apoio institucional são recorrentes em suas atividades. Além disso, verificou-se que as garis, majoritariamente mulheres negras, enfrentam uma dupla jornada e interseccionalidades de gênero e raça que amplificam sua vulnerabilidade. Conclui-se que estratégias interseccionais e políticas públicas inclusivas são fundamentais para melhorar as condições de trabalho desses profissionais. Ademais, é imprescindível promover discussões aprofundadas sobre a saúde mental dos garis e valorizar essa profissão essencial para o funcionamento da sociedade.

Palavras-chave: identidade profissional, saúde mental, invisibilidade social, garis, condições laborais.

ABSTRACT

This study explores, through a bibliographic analysis, the professional identity of street cleaners and their mental health, highlighting the phenomenon of social invisibility and the adverse working conditions these professionals face. The aim was to analyze how identity characteristics and mental health issues are addressed in scientific literature, considering the social, professional, and cultural demands surrounding street cleaners. The research, conducted in the format of a qualitative narrative review, included an analysis of academic publications up to 2023. The results indicate that street cleaners face stigmatization, marginalization, precarious working conditions, social devaluation, and negative impacts on their self-esteem and mental health. Factors such as exhaustive work hours, exposure to occupational hazards, and a lack of institutional support are recurrent in their activities. Furthermore, it was found that street cleaners, predominantly Black women, endure a double workload and intersectional challenges of gender and race, which exacerbate their vulnerability. It is concluded that intersectional strategies and inclusive public policies are crucial to improving the working conditions of these professionals. Moreover, fostering in-depth discussions about the mental health of street cleaners and valuing this essential profession for society is imperative.

Keywords: professional identity, mental health, social invisibility, street cleaners, working conditions.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO: PREPARE O SEU CORAÇÃO PRAS COISAS QUE EU VOU CONTAR | 8 |
| 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 11 |
| 2.1 Mas que nada! Sai da minha frente, eu quero passar! | 11 |
| 2.2 Você deve estampar sempre um ar de alegria e dizer: tudo tem melhorado! | 14 |
| 2.3 Eu sou apenas alguém ou até mesmo ninguém, talvez alguém invisível | 17 |
| 3 METODOLOGIA | 22 |
| 3.1 Tipo de estudo | 22 |
| 3.2 Procedimentos de Coleta de Dados | 22 |
| 3.3 Critérios de Inclusão e Exclusão | 23 |
| 3.4 Instrumento de coleta | 23 |
| 3.5 Abordagem Analítica e Categorias Interpretativas | 24 |
| 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS | 25 |
| 4.1 E o supergari, o lixeiro, o quê que faz? Bota o lixo no lixo que aqui tem lixo demais. | 25 |
| 4.2 Trabalhador brasileiro, trabalha igual burro e não ganha dinheiro. | 27 |
| 4.3 Identidade profissional e invisibilidade social | 30 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 34 |
| REFERÊNCIAS | 38 |

1 INTRODUÇÃO: PREPARE O SEU CORAÇÃO PRAS COISAS QUE EU VOU CONTAR

A presente pesquisa surgiu de uma ideia desenvolvida em conjunto com meu orientador, que tinha como objetivo inicial realizar uma pesquisa de campo para investigar o fenômeno da invisibilidade social a partir da perspectiva dos trabalhadores da limpeza pública: os garis. O interesse era compreender como esses profissionais percebem a si mesmos e se relacionam com sua profissão, abordando a construção de suas identidades em um contexto marcado por estigmatização e desvalorização. Assim, o projeto intitulado “*A identidade do Gari no município de Teresina-Piauí, Brasil*” buscava debater o conceito de identidade social, articulando-o às características apontadas por Naujorks e Silva (2016): a identidade é produzida nas relações sociais, envolve processos cognitivos e afetivos, engloba indivíduos e coletividades, e está vinculada a processos de reconhecimento e diferenciação social.

Após aprovação no Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e na banca de qualificação, que atribuiu nota máxima ao projeto, a pesquisa foi iniciada com visitas à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Habitação (SEMDUH). Nessas visitas, participei de reuniões para compreender a dinâmica trabalhista dos garis a partir da visão dos gestores. Posteriormente, fui encaminhado à empresa contratante do serviço de limpeza pública, mas esta recusou-se a colaborar, alegando proteção de dados dos funcionários. Diante dessa barreira, tentei abordar os profissionais diretamente em seus locais de trabalho, identificando-me formalmente e ajustando os horários das entrevistas para não interferir em suas jornadas. Apesar disso, as tentativas foram frustradas por cancelamentos frequentes e falta de retorno dos participantes.

Em busca de alternativas, recorri ao sindicato dos garis (Sindicato Dos Empregados Em Empresas De Asseio E Conservação Do Estado Do Piauí-SEEACEP), onde fui recebido pelo tesoureiro, que se prontificou a intermediar os contatos com os profissionais. No entanto, o processo mostrou-se moroso, resultando na realização de apenas uma entrevista, enquanto outras tentativas não se concretizaram por indisponibilidade ou desistências dos participantes. Entre os fatores que podem ter contribuído para a falta de adesão estão o temor de

represálias por parte da empresa contratante, desconfiança em relação à pesquisa e a percepção de que o processo seria longo ou comprometedor. Com o prazo encurtado e as dificuldades persistentes, decidi readequar o projeto, transformando-o em uma revisão bibliográfica narrativa, com o objetivo de explorar como a literatura científica aborda as questões identitárias e de saúde mental dos garis.

O problema central que orienta esta pesquisa é a invisibilidade social vivenciada pelos garis, compreendida como o processo pelo qual grupos ou indivíduos são ignorados ou desvalorizados pela sociedade. Isso ocorre com os garis, muitas vezes vistos de maneira pejorativa devido à natureza de seu trabalho, que envolve contato com lixo, frequentemente associado a algo repulsivo. No entanto, esses profissionais possuem identidades que são continuamente moldadas por suas vivências e interações. Assim, esta investigação busca responder: *Como as produções científicas têm abordado as características identitárias e as questões de saúde mental dos garis? Essas produções levam em consideração as demandas sociais, profissionais e culturais que atravessam a vida desses trabalhadores?*

O objetivo geral desta pesquisa é analisar como as características identitárias dos garis, bem como as questões de saúde mental, são abordadas na literatura científica, considerando suas demandas sociais e profissionais. Para tanto, traçam-se os seguintes objetivos específicos: (1) identificar as principais características identitárias atribuídas aos garis nos estudos acadêmicos; (2) examinar as questões relacionadas à saúde mental desses profissionais; (3) investigar como as demandas sociais e culturais influenciam as produções científicas sobre o tema; e (4) refletir sobre as lacunas presentes nessas abordagens, propondo caminhos para futuros aprofundamentos.

A escolha do tema é justificada pela relevância de compreender e dar visibilidade a um grupo essencial para o funcionamento das cidades, mas que permanece marginalizado e invisibilizado. Os garis desempenham uma função indispensável para a sociedade, mas enfrentam condições de trabalho adversas, falta de reconhecimento e impactos psicológicos que influenciam sua autoestima e saúde mental. Ao realizar uma revisão narrativa sobre identidade e saúde mental nesse contexto, esta pesquisa busca contribuir para o debate acadêmico, reunindo e avaliando criticamente o conhecimento existente, ao mesmo tempo que destaca lacunas a serem exploradas em investigações futuras. Além disso, minha

experiência anterior com estudos de campo sobre a invisibilidade social dos garis oferece uma perspectiva prática que enriquece a análise teórica, possibilitando uma visão mais ampla e aprofundada.

Assim, ao combinar a prática prévia com a revisão narrativa, esta pesquisa visa não apenas compreender melhor as questões identitárias e de saúde mental dos garis, mas também contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas e estratégias de valorização desses trabalhadores.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Mas que nada! Sai da minha frente, eu quero passar!

Para aprofundar a relação entre construção identitária e identidade profissional, é essencial explorar os conceitos de Stuart Hall e Anthony Giddens em diálogo com o de invisibilidade social proposto por Fernando Braga da Costa. A identidade, segundo Hall (2006), não é fixa ou essencialista, mas um processo contínuo de construção, sendo moldada pelas representações culturais e sociais que envolvem o indivíduo. Giddens (1991) corrobora ao afirmar que a modernidade trouxe uma reflexividade que faz com que os sujeitos examinem constantemente suas posições no mundo.

A identidade profissional dos garis é marcada pelo estigma associado ao trabalho braçal e à manutenção urbana, que historicamente é visto como "menor". De acordo com Costa (2008), essa visão relega os garis a uma posição de invisibilidade pública, uma forma de desaparecimento psicossocial, em que esses trabalhadores são ignorados e desumanizados, mesmo estando fisicamente presentes no espaço social. A invisibilidade social que eles enfrentam é tanto uma consequência das condições materiais de seu trabalho quanto de um processo simbólico de exclusão. Nesse sentido, a identidade profissional dos garis é fragmentada, pois embora eles desempenhem um papel essencial para o funcionamento urbano, não recebem reconhecimento ou valorização.

A estigmatização, conforme define Goffman (1963), refere-se à desvalorização de indivíduos ou grupos com base em características vistas como indesejáveis ou inferiores pela sociedade. No caso dos garis, o estigma está relacionado à associação de seu trabalho com sujeira, baixa qualificação e subalternidade. Essa estigmatização afeta diretamente a construção identitária, forçando-os a adotar mecanismos de autopreservação que envolvem a facilidade ou resistência a essas percepções sociais.

A questão da estigmatização no trabalho dos garis também pode ser vista como parte de um processo maior de desumanização dos trabalhadores braçais na sociedade capitalista. Giddens (1991) fala sobre como as instituições modernas tendem a padronizar e despersonalizar os indivíduos, o que, no que tange os garis,

é intensificado pelo estigma de sua ocupação. O processo de estigmatização, portanto, está intrinsecamente ligado à organização do trabalho na sociedade moderna, onde certos tipos de trabalho são vistos como mais "dignos" do que outros.

Costa (2008) relata um exemplo significativo desse processo ao descrever como os garis são sistematicamente evitados ou ignorados pelos frequentadores do campus da USP: "As pessoas que passam por Nilce não parecem ter sua atenção suficientemente modificada... desviam-se dele como quem se desvia de um obstáculo, uma coisa qualquer que atrapalha o caminho" (2008, p. 4). Esse comportamento revela uma forma de exclusão social, em que os garis são percebidos como parte do cenário urbano, mas sem o reconhecimento de sua humanidade ou de sua contribuição indispensável para a sociedade.

Com relação aos mecanismos de resistência que os garis utilizam para enfrentar a estigmatização e a invisibilidade pública, o autor aponta que, uma das formas de ação desses profissionais é o distanciamento estratégico de locais e situações onde a humilhação social é mais intensa. Os garis evitam, por exemplo, trabalhar em determinados horários ou locais onde há maior movimento de pessoas de classes sociais mais altas, para não serem expostos a olhares ou comentários depreciativos, buscando, assim, preservar sua dignidade em meio à invisibilidade imposta. Isso reflete uma estratégia de autopreservação e uma tentativa de minimizar o impacto psicológico da humilhação. Essa resistência silenciosa demonstra como os garis tentam controlar as situações de invisibilidade e estigmatização, mesmo que de forma individual (COSTA, 2008).

Esses mecanismos, no entanto, não são simples. Muitos garis, conforme relatado por Costa (2008), tentam construir uma identidade positiva apesar da desvalorização, focando no orgulho de fazer um trabalho essencial para a cidade. Contudo, essa resistência individual nem sempre é traduzida em ações coletivas e o relato anterior reforça a percepção da solidão de suas resistências. Costa evidencia que ressentir, conversar e agir entre eles, eram as respostas que os garis tinham para as pancadas de humilhação social.

Nisso, o conceito de identidade, conforme Hall (2006), é apresentado como fragmentada e construída a partir de múltiplas posições do sujeito, contribuindo, dessa forma, para compreender a construção identitária dos garis nessa dinâmica. Assim, no caso dos garis, essas múltiplas identidades se refletem

na dualidade entre o reconhecimento de seu trabalho como essencial e a desvalorização social que enfrenta. Giddens (1991) aponta que, na modernidade, os sujeitos são cada vez mais solicitados a negociar suas identidades em uma reflexividade constante. Para os garis, essa negociação ocorre em um espaço de extensão, onde a dignidade pessoal se choca com a realidade de sua invisibilidade social.

A falta de reconhecimento no cotidiano dos garis pode ser vista em várias situações, como a descrita por Costa (2008), onde um carro, em alta velocidade, quase os atropela e Nilce dispara: “Eles não têm respeito, não: só buzina e vão passando por cima da gente. Não querem nem saber!” (Costa, 2008, p. 3). Esse tipo de comportamento revela como a invisibilidade social se manifesta no nível mais básico das interações humanas, reforçando o lugar de subalternidade dos garis no tecido social. Tal invisibilidade cria barreiras para que esses trabalhadores se reconheçam como sujeitos plenos dentro da sociedade, limitando sua capacidade de mobilização política e de exigência por direitos.

Uma perspectiva crítica sobre os estudos de Hall, Giddens e Costa revela algumas lacunas importantes. Embora Hall e Giddens discutam a construção da identidade de maneira profunda, ambos focam principalmente em contextos amplos e de classe média, sem explorar em profundidade as especificidades de grupos marginalizados, como os garis. Outrossim, Costa (2008) aborda com profundidade a questão da invisibilidade social, porém poderia ampliar sua análise para incluir uma perspectiva mais ampla das dinâmicas de classe e como elas interagem com outras formas de opressão, como raça e gênero, no contexto dos garis. Essa última, é uma limitação, também nos estudos dos outros dois autores, especialmente quando se trata de grupos marginalizados, onde essas dimensões são cruciais.

Para concluir, a construção identitária dos garis é um processo complexo que envolve a negociação entre a invisibilidade social imposta pela sociedade e a busca por reconhecimento e dignidade. A estigmatização do trabalho dos garis reflete a tensão de classe e a desvalorização de certas ocupações em uma sociedade capitalista. Embora Hall, Giddens e Costa ofereçam ferramentas teóricas valiosas para compreender esses processos, é necessário expandir essas análises, incorporando uma visão interseccional que leve em conta as dimensões de raça e gênero, bem como uma abordagem mais sistemática das forças estruturais que perpetuam a desvalorização do trabalho braçal.

2.2 Você deve estampar sempre um ar de alegria e dizer: tudo tem melhorado!

A análise das condições de trabalho dos garis sob a perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho, de Christophe Dejours, e das teorias de Donald Winnicott sobre a saúde mental fornece uma perspectiva aprofundada dos efeitos dessas situações na saúde mental desses profissionais. Em *A Loucura do Trabalho* (2015), Dejours investiga como a estruturação do trabalho, particularmente em situações de risco e de valorização reduzida, impõe uma pressão contínua ao empregado, que começa a criar táticas de defesa para evitar o sofrimento. Em relação aos garis, que lidam todos os dias com a exposição a materiais perigosos, a insalubridade e a falta de reconhecimento social, essas condições intensificam o desgaste mental, destacando a relação entre as particularidades do local de trabalho e o sofrimento psicológico.

A teoria de Dejours propõe que o sofrimento psicológico surge quando as demandas e situações laborais testam a habilidade de adaptação do indivíduo. A estrutura de trabalho dos garis cria um ambiente que confronta a saúde mental desses trabalhadores, nomeadamente quando não obtêm da sociedade o reconhecimento da sua função. Este desequilíbrio gera o que Dejours denomina "sofrimento patogênico" (DEJOURS, 2015, p. 10). Neste cenário, o sofrimento dos garis é muitas vezes alimentado por discursos de demissão e táticas de defesa que, a longo prazo, podem comprometer seriamente a sua saúde mental. (SANTOS *et al.*, 2009; TANOUYE *et al.*, 2020)

Um caso concreto é a resistência emocional que muitos garis adquirem para lidar com o estigma vinculado à sua atividade profissional. Esses trabalhadores, submetidos à discriminação e ao desprezo social, muitas vezes incorporam um "falso self", conceito sugerido por Winnicott, que representa uma adaptação superficial para cumprir as expectativas sociais e prevenir conflitos. Este falso self protege a psique por um período, porém à custa do desgaste emocional. Conforme Winnicott (1988, p. 404), o falso self surge como uma evidência de defesa quando o ambiente não é suficientemente bom para o desenvolvimento de um self autêntico e saudável.

A rotina dos garis é descrita por condições laborais desfavoráveis, que engloba jornadas de trabalho exaustivas, contato com resíduos e materiais tóxicos,

além de falta de apoio psicológico (MAGALHÃES, 2019). Estes elementos intensificam a adaptação ao sofrimento patogênico, onde o funcionário vive uma dualidade entre suas necessidades pessoais e a exigência do trabalho. Dejours esclarece que, nessas situações, “os indivíduos elaboram táticas defensivas para se proteger”, numa tentativa de adaptação (DEJOURS, 2015, p. 10). No entanto, essa adaptação não elimina o sofrimento, apenas o adia, elevando a probabilidade de crises psicológicas, tais como burnout e depressão.

Na perspectiva de Winnicott (1988), um ambiente de trabalho “suficientemente bom” deveria oferecer apoio emocional e reconhecimento, componentes cruciais para o desenvolvimento de um self autêntico e saudável. A ideia de um ambiente adequado é crucial, pois possibilita ao indivíduo formar um sentimento de realidade e de pertença. Sem esse contexto, uma pessoa não consegue vivenciar a espontaneidade essencial para a sua saúde mental.

A análise do sofrimento dos garis concentra-se na questão do reconhecimento social. Dejours (2015) sustenta que a ausência de reconhecimento social intensifica o sofrimento psicológico, já que para muitos trabalhadores, o significado de sua atividade está ligado ao valor que uma sociedade lhe confere.

Frequentemente, a fadiga emocional dos garis é um reflexo direto do desrespeito que sofre em seu trabalho. Dejours (2015) ilustra como o sofrimento pode ser benéfico para a organização laboral, porém prejudicial para o empregado, pois sua mente é constantemente pressionada a funcionar sob um estado de estresse constante. A exposição contínua a esse estresse sem pausa gera uma condição mental suscetível à doença, que pode resultar em um ciclo contínuo de dor e esgotamento.

Winnicott (1988) explora essa questão ao sustentar que, quando o ambiente não oferece uma base sólida, uma pessoa perde a habilidade de ser espontânea e de agir com base em seu verdadeiro eu. Por serem socialmente invisíveis, os garis estão sempre em estado de alerta e contenção emocional, o que impacta sua identidade e bem-estar mental. A ausência de suporte e de um ambiente especificamente preparado para suas necessidades complica a formação de um profissional positivo e genuíno.

A formação de barreiras de proteção entre os garis é uma ocorrência imediata ao ambiente de trabalho que desumaniza. Dejours (2015) explora como esses trabalhadores, diante da pressão diária, tendem a racionalizar seu sofrimento ,

criando um distanciamento emocional que os "protegem" temporariamente. Contudo, essa defesa é frágil e incapaz de prevenir o impacto psicológico a longo prazo, que geralmente se manifesta através de sintomas psicossomáticos e distúrbios psicológicos.

Um exemplo tangível é a angústia que muitos garis expressam sentir devido aos riscos e à falta de proteção em suas atividades. Esses perigos representam uma fonte constante de estresse que impacta o corpo e a mente. Numerosos trabalhadores vivem com medo, não só dos perigos financeiros do emprego, mas também do efeito emocional e psicológico que esse medo incessante causa em suas vidas. (RABELLO, 2019; SANTOS *et al.*, 2009; TANOUYE *et al.*, 2020).

Além disso, a pressão para atingir objetivos e horários precisos, muitas vezes incompatíveis com as situações laborais, contribui para um estado de fadiga mental. Dejours (2015) caracteriza essa pressão como um método de exploração da vida mental, no qual o sofrimento é empregado como um meio de garantir a produtividade. Em relação aos garis, essa exploração se manifesta na ausência de pausas cumpridas e na exigência de alto rendimento, mesmo em situação desfavorável.

O sofrimento dos garis também evidencia a insuficiência das políticas de suporte institucional. A falta de um apoio eficiente para gerenciar o estresse e a pressão diária converte o sofrimento em um problema específico e invisível. Essas diretrizes são essenciais para garantir um ambiente de trabalho que preserve a saúde mental dos empregados, algo ainda inalcançável na realidade dos garis. (RODRIGUES *et al.*, 2022).

Em suma, a avaliação do sofrimento psicológico dos garis com base nas teorias de Dejours e Winnicott demonstra como as condições laborais desumanas e o desprezo social caminham para o adoecimento mental desses trabalhadores. A estruturação do trabalho dos garis não só supre as suas exigências, como também agrava o seu sofrimento, desenvolvendo um problema de saúde pública que necessita de atenção e intervenção estruturada.

2.3 Eu sou apenas alguém ou até mesmo ninguém, talvez alguém invisível

Como já dito, a função dos garis é fundamental para o funcionamento das cidades, porém, paradoxalmente, é uma das mais negligenciadas e invisíveis. Diante das exigências atuais, esses profissionais se deparam com uma variedade de desafios que ultrapassam a própria função e estão ligados a questões mais profundas de identidade e saúde mental. A marginalização, aliada à precariedade e/ou falta dos materiais laborais e à ausência de reconhecimento social, estabelece um cenário em que a formação da identidade profissional se torna frágil e suscetível. Esses obstáculos evidenciam falhas nas pesquisas em saúde mental, particularmente na maneira como se investiga a identidade e o sofrimento no trabalho, sem considerar completamente as realidades de grupos marginalizados, como os garis. (COSTA, 2017)

No âmbito dos garis, a formação da identidade profissional enfrenta uma variedade de obstáculos específicos que dificultam a formação de uma autopercepção positiva no ambiente de trabalho. Normalmente, as pesquisas sobre saúde mental e identidade profissional tendem a focar em contextos de classe média, ignorando a realidade de profissões à margem da sociedade e os desafios que surgem da baixa escolaridade e do acesso restrito às oportunidades de desenvolvimento. Por exemplo, os garis muitas vezes se deparam com situações onde a falta de oportunidades de progresso provoca uma sensação de estagnação, o que complica a formação de uma identidade profissional sólida e valorizada. (COSTA, 2008; COSTA, 2017; MAGALHÃES, 2019)

Um outro aspecto significativo diz respeito à invisibilidade social dos garis, que, no dia a dia, lidam com uma condição de anonimato e, frequentemente, de menosprezo da sociedade. A invisibilidade social vai além de ser um mero reflexo da estrutura do trabalho, sendo uma dinâmica complicada, ligada a questões de classe e influenciada por elementos como raça e gênero. Estes trabalhadores, em sua grande parte de baixa renda, muitas vezes pertencem a grupos racializados e, em parte, mulheres, que lidam com camadas de opressão que tornam o ambiente de trabalho ainda mais hostil. Estas opressões se acrescem, intensificando o isolamento e a falta de reconhecimento, e reforçando a sensação de que seu papel é desvalorizado e negligenciado pela sociedade. (COSTA, 2008; COSTA, 2017)

Segundo Patrícia Hill Collins (2021), a interseccionalidade cria uma base analítica de como os sistemas de opressão funcionam em sincronia, delineando as experiências dessas mulheres. No campo do trabalho, isso é percebido na discriminação salarial, acesso limitado a cargos de liderança e segregação ocupacional em trabalhos precarizados. Para mais, a invisibilização das atividades das mulheres negras, reforçam estruturas de poder que perduram nas desigualdades sociais. Dessa forma, a interseccionalidade usada como ferramenta de análise, proporciona meios para compreender essas dinâmicas e traçar estratégias de sociais que promovam equidade no mercado de trabalho.

A conexão entre o sofrimento psicológico e a estruturação do trabalho é um dos aspectos fundamentais para compreender o efeito das condições de trabalho na saúde mental dos garis. A estrutura organizacional imposta a esses funcionários inclui ritmos acelerados, pouquíssimo tempo de intervalo e exigência de produtividade, fatores que não são compensados pelo reconhecimento social ou institucional. Portanto, a falta de reconhecimento e o desrespeito aos seus direitos fundamentais estimulam o sofrimento psicológico, agravando questões de saúde mental e contribuindo para o esgotamento emocional e físico. (DEJOURS, 2015)

Frequentemente, o local de trabalho dos garis é negligenciado e sem o apoio necessário para lidar com a insalubridade e os perigos inerentes à sua atividade. A exposição a substâncias tóxicas e a condições ambientais desfavoráveis, juntamente com o uso de equipamentos inadequados, resulta em uma situação de vulnerabilidade que impacta diretamente a saúde física e psicológica dessas pessoas. A negligência institucional fica evidente na ausência de políticas públicas externas para aprimorar as condições de trabalho e na escassez de recursos para prevenir doenças físicas e suporte psicológico, elementos cruciais para um ambiente de trabalho saudável. (RABELLO, 2019)

Um elemento crucial para compreender as necessidades dos garis é o grau de instrução. A insuficiência educacional é comumente um traço desses profissionais, criando obstáculos não apenas para o seu crescimento pessoal, mas também para a chance de avançar na carreira. Este elemento restringe as possibilidades de emprego e faz com que se sintam confinados a uma posição estigmatizada. Isso reforça uma percepção de si mesmos como trabalhadores de "segunda categoria", impactando diretamente na formação de sua identidade

profissional e autoconfiança. (MAGALHÃES, 2019; COSTA, 2017; MOTTA *et al.*, 2016; SILVA, 1999)

A condição social marginalizada dos garis também está associada a riscos específicos, como o consumo de álcool e outras substâncias. A falta de reconhecimento, aliada a um ambiente de trabalho hostil e aos problemas financeiros, pode levar esses profissionais a procurar saídas que, apesar de proporcionarem um alívio imediato e momentâneo, podem resultar em problemas ainda mais graves no futuro. Neste cenário, a marginalização funciona como um estímulo para tais comportamentos arriscados, intensificando o ciclo de angústia e debilitando ainda mais sua saúde física e mental. (MAGALHÃES, 2019)

A formação da identidade dos garis também é fortemente influenciada pelas interações dentro e fora do ambiente de trabalho, já que o suporte dos colegas e o reconhecimento da comunidade têm um papel crucial na percepção de valor e de pertença. A esse respeito Lane (2010) reflete que desde seu nascimento, o ser humano tem a necessidade de outros indivíduos; e a relação, estabelecida a partir dessa necessidade, torna o ser o integrante de um grupo; ainda que como uma díade (grupo de dois). O participar de grupos, caracteriza a vida do indivíduo, sendo necessários para sua sobrevivência; permitindo, também, confrontos, reconhecimentos de semelhanças e diferenças, dentro destes grupos; e, nesse liame, a pessoa desenvolve sua individualidade e constrói sua identidade social.

Contudo, as interações no local de trabalho dos garis nem sempre são de apoio, principalmente quando existe competição ou pressão para atingir objetivos. No ambiente externo ao trabalho, o desprezo e a falta de empatia da sociedade intensificam o estigma, restringindo a chance de desenvolver uma identidade profissional que lhes permita reconhecer seus valores e a relevância de suas contribuições. (COSTA, 2017; SANTOS *et al.*, 2009)

A condição de trabalhadores de “base” dos garis também afeta sua identidade profissional, que muitas vezes são percebidas como substituíveis ou dispensáveis. Esta visão gera um ambiente de desvalorização, onde eles próprios começam a assimilar essa ideia de que sua função é sem importância. Essa circunstância favorece uma crise de identidade, na qual o funcionário fica desconectado de seu trabalho, o que pode impactar suas interações sociais e sua percepção de dignidade. (COSTA, 2008; SANTOS *et al.*, 2009; GIDDENS, 1991; HALL, 2006).

Em contrapartida, as exigências sociais por um ambiente urbano limpo e saudável, intensificam as obrigações e a pressão sobre esses profissionais, que têm que gerenciar uma carga de trabalho que frequentemente excede sua capacidade física. A falta de suporte adequado intensifica o esgotamento, e a falta de compreensão da sociedade reforça a percepção de que seu trabalho, apesar de crucial, é subvalorizado. Este contraponto entre a relevância do serviço e a desvalorização a que são submetidos, geram uma situação contraditória que intensifica o sofrimento mental. (GIDDENS, 1991; SANTOS *et al.*, 2009)

Os obstáculos que os garis enfrentam indicam a necessidade de uma análise crítica das estratégias de saúde mental no ambiente de trabalho, considerando as particularidades e a fragilidade de grupos marginalizados. A ausência de reconhecimento e o estigma social vinculados a essa profissão sugerem que as teorias vigentes não contemplam a intersecção entre trabalho, classe social e raça, particularmente em situações em que o trabalhador é visto como um elemento invisível da sociedade, bem perceptível no trabalho de Costa (2008), que trabalha diretamente com os garis sobre invisibilidade pública.

Além disso, as pesquisas sobre o sofrimento ocupacional, como visto na obra de Dejours (2015), dificilmente mostram as complexidades de um ambiente intencionalmente negligente. Em particular, os garis operam num contexto que não fornece suporte emocional nem recursos financeiros adequados, gerando um ambiente onde o sofrimento persiste e a negligência parece ser um componente contido na estrutura. Esta situação intensifica a sensação de abandono e o esgotamento mental, pois não existem opções para melhorar sua situação profissional. (RABELLO, 2022)

A invisibilidade social e o estigma que os garis enfrentam refletem as dinâmicas de poder e de classe que controlam a estrutura laboral e as interações sociais na sociedade. Enquanto outros trabalhadores possuem maiores chances de reconhecimento e valorização, os garis continuam na base da pirâmide social, exercendo funções cruciais, porém negligenciadas pelo público. (COSTA, 2008; GIDDENS, 1991; HALL, 2006).

Assim, uma avaliação crítica e inclusiva das necessidades dos garis requer uma perspectiva que leve em conta não apenas as condições físicas do local de trabalho, mas também os elementos emocionais e sociais que afetam sua saúde mental e a formação de sua identidade. Apenas ao incorporar esses elementos nas

políticas públicas e na organização do trabalho poderemos fomentar um ambiente de trabalho mais saudável, que valorize a dignidade e a relevância desses profissionais para a sociedade, bem como a sua construção identitária positiva.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de estudo

Este estudo caracteriza-se como qualitativo, descritivo, bibliográfico e desenvolvido em formato de revisão narrativa. Optamos por essa abordagem por compreender que a pesquisa qualitativa, conforme Minayo et al. (2016), privilegia a análise de fenômenos humanos complexos, como crenças, valores e atitudes, e busca compreender realidades que não podem ser quantificadas. Nesse sentido, a revisão narrativa permite explorar dimensões subjetivas e humanas, como a invisibilidade social e a identidade dos garis, para além de esquemas fechados e quantificáveis (MARIANI *et al.*, 2012).

Compreendemos que a narrativa de experiências vividas, conforme Souza (apud CINTRA *et al.*, 2020, p. 4), é um processo de formação e produção de conhecimento. A escolha pela revisão narrativa foi reforçada pela impossibilidade de realizar um trabalho de campo mais amplo, permitindo a análise crítica de textos acadêmicos sobre o tema, enquanto dialogamos com nossas experiências prévias.

3.2 Procedimentos de Coleta de Dados

A coleta de dados seguiu três etapas principais:

1. **Leitura de resumos:** Nesta fase inicial, os resumos de 11.896 pesquisas foram examinados para selecionar os estudos pertinentes. Esta avaliação incluiu aqueles que faziam referência aos garis apenas de maneira indireta ou que não discutiram diretamente questões ligadas à identidade dessas pessoas e à sua saúde mental.
2. **Leitura flutuante:** Segundo Bardin (2016, p. 126), a leitura flutuante possibilita a familiarização com o texto, permitindo-se ser invadido por impressões e orientações. A partir deste procedimento, foi possível identificar os estudos que estão em consonância com os objetivos específicos da

pesquisa, ampliando o conhecimento sobre as metodologias, abordagens e resultados. Este passo foi fundamental para aprimorar a escolha dos textos que mais se adequassem às questões investigadas.

3. **Definição do corpus:** Depois de uma avaliação minuciosa, foram escolhidos 12 trabalhos acadêmicos que evidenciaram uma conexão relevante entre as necessidades sociais, as condições de trabalho, a identidade e a saúde mental dos garis. Esses estudos forneceram uma base sólida e unificada para a execução da revisão narrativa, possibilitando uma exploração completa dos pontos principais do estudo.

3.3 Critérios de Inclusão e Exclusão

Os critérios para a seleção dos trabalhos foram:

- **Delimitação espacial:** Trabalhos no formato de teses, dissertações e artigos acadêmicos.
- **Delimitação temporal:** Pela ausência de uma quantidade considerável de estudos recentes (período de 10 anos e/ou 5 anos), para realização dessa pesquisa bibliográfica, optou-se por não delimitar um período inicial, considerando assim, todos os trabalhos publicados até 2023.
- **Delimitação temática:** Pesquisas focadas na categoria dos garis, abordando aspectos de identidade, saúde mental ou invisibilidade social.

3.4 Instrumento de coleta

Os dados foram coletados por meio de buscas em bases acadêmicas, como o repositório UFPI, Google Acadêmico, SciELO e LILACS. Utilizamos os descritores “gari”, “limpeza pública”, “trabalhadores” e “saúde mental” em português.

3.5 Abordagem Analítica e Categorias Interpretativas

Os textos selecionados foram analisados qualitativamente, com base em categorias interpretativas definidas a partir dos objetivos da pesquisa:

- **Identidade Profissional:** Análise das dinâmicas de construção da identidade dos garis, considerando o contexto social e as representações simbólicas.
- **Saúde Mental:** Identificação de fatores associados ao bem-estar psicológico e ao impacto das condições laborais.
- **Invisibilidade Social:** Investigação sobre como a desvalorização simbólica afeta a percepção de si e a integração social dos garis.

Essas categorias orientaram a organização da análise e a estruturação dos capítulos, permitindo que os achados fossem discutidos de forma integrada e alinhada ao objetivo geral da pesquisa.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A avaliação das condições de trabalho dos garis destaca a importância de sua função para a saúde pública e a estrutura urbana, ao mesmo tempo que expõe os obstáculos que enfrentam, ligados à precariedade, à saúde mental e à invisibilidade social. Entre os problemas que afetam sua realidade estão a exposição a riscos de trabalho, muitas vezes intensificados pela ausência de políticas públicas aplicadas. A condição psicológica desses trabalhadores também é motivo de preocupação, sendo impactada por jornadas exaustivas, discriminação e humilhações no local de trabalho. Além disso, a invisibilidade social intensifica a marginalização desses trabalhadores, evidenciada por remunerações mínimas, obstáculos para ascender socialmente e estigmas históricos que moldam sua identidade no ambiente de trabalho.

4.1 E o supergari, o lixeiro, o quê que faz? Bota o lixo no lixo, que aqui tem lixo demais.

Os garis exercem uma função vital na preservação da saúde pública e na organização urbana, lidando com obstáculos ligados à precariedade das condições de trabalho, à exposição a perigos profissionais e à invisibilidade social.

Estudos como os de Rabello (2019) e Souza et al. (2019) destacam que a precariedade das condições de trabalho, incluindo falta de ergonomia, exposição a riscos físicos, impactam diretamente a saúde física e emocional dos garis. Silva (2019) ressalta a importância desses elementos para a invisibilidade social dos garis, que muitas vezes negam ou minimizam sua situação de marginalização.

Do mesmo modo, a terceirização somada a extensas jornadas laborais e a desorganização do ambiente de trabalho, ressaltados nas pesquisas de Santos et al. (2009), Motta et al. (2016) e Rodrigues e cols (2022), causam alterações relevantes na estrutura e na composição das equipes e intensificam o estresse e a exaustão física, prejudicando ainda mais a saúde ocupacional desses empregados, além da baixa remuneração, que é desproporcional a extenuante carga horária.

A avaliação das condições laborais dos garis expõe um panorama caracterizado pela insalubridade, precariedade e a invisibilidade social, fatores que

trazem importância para o sofrimento psicológico e a fragilidade econômica desses profissionais. Como visto na teoria de Christophe Dejours (2015), o sofrimento patológico no ambiente de trabalho acontece quando as exigências do ambiente excedem a habilidade de adaptação do indivíduo. Em relação aos garis, esta descrição engloba a exposição constante a riscos laborais, tais como a manipulação de resíduos insalubres e a exposição solar prolongada, sem as devidas proteções. Além disso, a precariedade das condições de trabalho é intensificada pela terceirização, que desorganiza as equipes e prejudica o acesso aos direitos trabalhistas e à estabilidade financeira.

Outro ponto é a falta de reconhecimento social, que apresenta-se como um dos elementos mais significativos no aumento do sofrimento. Dejours (2015) ressalta que o reconhecimento é crucial para transformar a dor em significado, permitindo que os trabalhadores reconheçam o valor do seu trabalho. Ao se confrontarem com um ambiente que desconsidera sua relevância e naturaliza suas condições laborais, o sofrimento psicológico se intensifica. Esta circunstância também estimula a utilização de estratégias de defesa emocional, como o afastamento e a formação de um "falso self", conforme a ideia de Winnicott (1988), que retrata uma resposta superficial às pressões externas.

De acordo com Winnicott (1988), a falta de um ambiente "suficientemente bom" - representado aqui por condições de trabalho justas, apoio social e reconhecimento - impede a formação de um self autêntico. Isso representa uma rotina de desgaste constante para os garis, especificada pela fadiga física e emocional.

Outro aspecto que ressalta a fragilidade dos garis é a conexão entre as condições laborais e a instabilidade econômica; esses trabalhadores lidam com uma sensação contínua de instabilidade financeira. Esta instabilidade não só impacta a autoconfiança e a identidade profissional, como também estabelece obstáculos para a execução de alterações estruturais no ambiente de trabalho. Por outro lado, a normalização dessas condições intensifica a invisibilidade social e a marginalização dos garis, perpetuando um ciclo de sofrimento e exploração.

Em última análise, a terceirização aparece como um enfraquecedor da ligação entre os empregados e suas funções, desfazendo redes de apoio intra-laboral e favorecendo o isolamento social, diminuindo assim as chances de reconhecimento no local de trabalho e, simultaneamente, intensificando a sensação

de vulnerabilidade e desproteção. Neste cenário, o entrelaçamento das teorias de Dejours e Winnicott evidencia como a ausência de reconhecimento e de um ambiente minimamente acolhedor prejudica o equilíbrio psíquico e emocional dos garis.

Sumariamente, as pesquisas acerca dos garis expõem condições de trabalho e sociais caracterizadas pela precariedade, desigualdade e invisibilidade. A vivência em um ambiente de trabalho insalubre é caracterizada pela exposição a perigos físicos e químicos, longas jornadas de trabalho e ausência de equipamentos de proteção individual. Percebeu-se que condições de trabalho, no que diz respeito a riscos físicos, é uma temática recorrente nos estudos com garis. Isso posto, exige-se a implementação de estratégias que incluam ações ergonômicas, políticas de valorização profissional e apoio à saúde mental no ambiente de trabalho, reduzindo, assim, o sofrimento psíquico.

4.2 Trabalhador brasileiro, trabalha igual burro e não ganha dinheiro.

Como visto anteriormente, a saúde mental dos garis é uma questão de grande relevância, devido à fragilidade das condições de trabalho que afetam consideravelmente o bem-estar psicológico desses profissionais. Barbosa e cols (2010) destacam cinco elementos essenciais da saúde mental, que estão intrinsecamente ligados ao ambiente de trabalho e ao padrão de vida dos trabalhadores, intensificando a situação de vulnerabilidade social.

Outrossim, Tanouye *et al.* (2020), Santos e cols (2009) e Magalhães (2019), apresentam em suas pesquisas a incidência de transtornos depressivos e ansiosos entre os coletores de resíduos, bem como sintomas físicos (fadiga e dores no corpo), ultrapassado o âmbito físico e impactando profundamente os aspectos emocionais e cognitivos dos garis. Identificaram, também, que o uso de substâncias como álcool e tabaco, comumente ligados ao estresse e à depressão, são um fator de risco relevante para a saúde mental desses profissionais. Neste cenário, Silva (1999) enfatiza que a falta de atividades de lazer e cultura, aliada às baixas remunerações, restringem o acesso a vivências que poderiam aliviar o estresse, perpetuando, assim, um ciclo de vulnerabilidade social e emocional.

Por fim, Rodrigues e cols (2022) e Barbosa e cols (2010) detectaram sinais de esgotamento emocional nas mulheres garis; situação ocasionada pela dupla jornada de trabalho, equilibrando as demandas profissionais e as responsabilidades domésticas e por um trato desigual, com relação aos homens, aumentando os obstáculos encontrados no ambiente de trabalho.

Nesse quadro, evidencia-se que sintomas como ansiedade, depressão, cansaço e dores físicas são expressões comuns do sofrimento psicológico provocado pelo estresse acumulado no local de trabalho. Esses distúrbios não impactam apenas a qualidade de vida, mas também a habilidade de gerenciamento quanto à exigência do trabalho e da vida pessoal. Do mesmo modo, o uso de substâncias, são uma consequência das dificuldades enfrentadas no ambiente de trabalho. Apesar de funcionar como um aliviador do estresse, essa prática intensifica as questões de saúde mental e mantém um estado de vulnerabilidade social.

A ausência de lazer e cultura agrava essa situação ao restringir as estratégias de enfrentamento do estresse cotidiano. Essa falta de locais para relaxamento impacta diretamente as fragilidades econômicas e sociais dos garis, gerando um ciclo que perpetua o sofrimento emocional e cognitivo.

Estas descobertas demonstram que estratégias paliativas, como a utilização de substâncias psicoativas (álcool e tabaco), comumente utilizadas como formas de lidar com o estresse, na ausência de outros meios de entretenimento, são ineficientes e podem ser prejudiciais à saúde dos garis. Essas práticas apenas disfarçam momentaneamente o sofrimento psicológico.

Nesse contexto, o bem estar desses profissionais vai na contramão do conceito de saúde empregado por Straub (2014); onde, saúde, é entendida a partir da perspectiva biopsicossocial, que compreende a interação entre mente e corpo, reconhecendo que forças biológicas, psicológicas e socioculturais agem em conjunto, determinando o processo saúde e vulnerabilidade da pessoa à doença.

No que diz respeito às mulheres garis, a carga é intensificada pela dupla jornada, que mescla as demandas profissionais com as obrigações familiares. Tal contexto expõe as mulheres a uma situação de extrema fragilidade emocional e física. Corroborando essa concepção de interseccionalidade analisada por Collins (2021), Kimberlé Crenshaw (1993) nos ajuda a entender como a intersecção entre gênero, classe e raça piora a condição dessas trabalhadoras, particularmente as

mulheres negras, que muitas vezes se deparam com discriminação estrutural e obstáculos para ascender socialmente.

Estas trabalhadoras, a maior parte das vezes provedoras do sustento familiar, sentem o impacto da desigualdade de maneira mais sublinhada, devido à combinação de elementos como a pobreza, a discriminação racial e a falta de suporte institucional. A ausência de políticas estratégicas focadas em aliviar o fardo dessas mulheres intensifica as desigualdades estruturais e as coloca em constante estado de vulnerabilidade.

A visão de Crenshaw (1993) mostra como os sistemas de opressão se interconectam, estabelecendo obstáculos específicos para mulheres negras em situações de vulnerabilidade. Esses desafios vão além da questão do gênero ou da raça de forma isolada, já que a interseccionalidade mostra como as diversas facetas da identidade podem reforçar as desigualdades. Em relação às garis, a opressão racial e de classe está profundamente enraizada em contextos históricos e culturais que limitam suas oportunidades, tornando as consequências da dupla jornada e do trabalho precário ainda mais intensas.

Em resumo, os obstáculos que os garis enfrentam em termos de saúde mental são complexos e multifatoriais. As pesquisas de Tanouye *et al.* (2020), Santos e cols (2009) e Magalhães (2019), que compõem esta análise, indicam um considerável cenário de estresse, ansiedade e depressão entre os garis, devido às condições adversas do trabalho, tema contumaz nos estudos; da mesma forma, apontam para a recorrência do uso de substâncias como álcool e tabaco, na tentativa de lidar com o estresse, na falta de outras atividades recreativas e culturais (SILVA, 1999). Outro ponto são as condições emocionais e cognitivas das garis, apontadas por Rodrigues e cols (2022) e Barbosa e cols (2010), que são intensificadas pela instabilidade no emprego, pela dupla jornada de trabalho e a interseccionalidade de gênero e classe, resultando em uma sobrecarga que demanda políticas públicas específicas.

Portanto, é crucial a aplicação de estratégias mais abrangentes, integradas e humanizadas, que levem em conta a complexidade e singularidade das experiências desses profissionais. Isso engloba uma estratégia multidisciplinar que combina apoio psicológico, aprimoramento nas condições de trabalho e a implementação de iniciativas sociais e culturais, que favoreçam o reconhecimento, a dignidade e o bem-estar biopsicossocial dos garis.

4.3 Que trabalhador é esse?

Com base nas análises anteriores, é perceptível que as demandas do ambiente de trabalho impactam a saúde mental dos garis, e essa causa e efeito tem repercussão na formação da sua identidade profissional, dada por meio de interações sociais, condições laborais e experiências que refletem processos históricos e culturais.

Nos estudos de Rabello (2019), Costa (2017) e Silva (2019), é destacado que essa categoria é historicamente ligada a grupos marginalizados, caracterizados por baixos níveis educacionais e condições econômicas precárias (pontos de grande impulso na decisão de seguir uma carreira de gari), o que favorece sua estigmatização e a ausência de reconhecimento social, acompanhados de episódios de humilhação pública. Esse cenário de fragilidade é intensificado pelas situações de vida em regiões periféricas.

Santos *et al.* (2009), abordam, em sua pesquisa, o local de trabalho como um componente de impacto específico na construção da identidade desses profissionais, relacionando as questões de assédio moral e rivalidades, particularmente ligadas às mudanças constantes nos trechos de trabalho, que desestabilizam os garis, comprometendo suas redes de apoio e relações sociais.

Já os estudos de Bandeira (2015) e Rodrigues *et al.* (2022), relatam a influência dos fatores gênero e raça na construção da identidade desses profissionais, salientando as especificidades que as mulheres garis, sobretudo negras, enfrentam nos obstáculos físicos, emocionais, sociais e de gênero, exercendo, muitas vezes, funções intergeracionais. Além disso, as pesquisas indicam que a força física intrínseca à profissão, ligada ao peso e à altura das garis, incorpora características físicas como componentes importantes na formação de sua identidade.

A atividade dos garis, combinada com condições insalubres e baixo nível educacional, os coloca em uma posição de inferioridade, intensificando a marginalização social. A estigmatização mencionada por Goffman (1963), associada ao manuseio do lixo urbano e ao desprezo social, afeta diretamente a autoimagem desses trabalhadores, o que dificulta sua percepção individual e coletiva.

Costa (2008) aborda a invisibilidade pública como um tipo de exclusão psicossocial, onde os garis não são vistos como indivíduos completos, mas apenas

como trabalhadores da limpeza. Essa indiferença é intensificada pelos episódios de humilhação pública que os garis passam. No entanto, alguns desses trabalhadores negam ou minimizam os efeitos dessa marginalização, o que pode ser interpretado como uma tática de resistência ou adaptação ao estigma social, ocasionalmente reforçados por acordos de naturalização do trabalho, aceitando ou se ajustando às condições críticas como parte de sua realidade laboral. Braga Costa (2008) detalha as medidas de autoproteção que os garis tomam, como evitar horários e locais onde a humilhação é mais acentuada, o que indica um esforço para enfrentar o estigma e preservar sua dignidade.

Stuart Hall (2006) enriquece a análise afirmando que a identidade é um processo em constante transformação, formado por representações culturais e sociais. Neste cenário, a falta de reconhecimento cultural dificulta a formação de uma identidade profissional bem vista.

As disparidades de gênero e raça aumentam as fragilidades que os garis enfrentam, especialmente as mulheres negras, criando, desse modo, uma relação da formação da sua identidade à essa intersecção de opressões estruturais. As exigências para a manutenção da família, aliadas à pobreza, discriminação racial e ausência de apoio institucional, intensificam o fardo dessas mulheres, acrescidos do elemento força física para o trabalho, como o peso do lixo e a utilização de ferramentas pesadas que expõem a desigualdade que as profissionais enfrentam, perpetuando um ciclo de exclusão e impactando tanto a sua saúde física quanto a emocional.

A visão interseccional de Crenshaw (1993) demonstra como esses sistemas de opressão interligados restringem oportunidades e intensificam as disparidades sociais. Em relação às garis, a condição precária de trabalho e a jornada dupla são atravessadas por contextos históricos e culturais que não apenas limitam seu crescimento, mas também perpetuam as dinâmicas de exploração e invisibilidade social.

No que tange a questão racial, Souza e Tessari, no Congresso Brasileiro de História Econômica & 16ª Conferência Internacional de História de Empresas (2023), ressaltam a dificuldade da formulação de políticas econômicas de emprego voltadas para a população negra, que padecem os impactos econômicos e sociais do racismo, relegando, assim, às populações negras não apenas os piores postos

do mercado de trabalho, mas também os maiores níveis de vulnerabilidade socioeconômica do país.

No entanto, essa dinâmica racial do mercado de trabalho, não é algo novo. Karasch (1808-1850 apud EIGENHEER, 2009) alude que ao longo da história brasileira, os serviços relacionados à limpeza urbana, como a remoção de lixo, detritos e despejo de cadáveres, eram delegados a grupos socialmente marginalizados. No período colonial e escravista, essas tarefas eram realizadas, especialmente, por escravos, que eram nomeados de “tigres”, encarregados de transportar barris de excremento pelas ruas do Rio de Janeiro durante a noite. Além deles, prisioneiros, mendigos e prostitutas, também foram destinados para esses serviços. (EIGENHEER, 2009).

Contribuindo para essa atribuição de tarefa aos escravos, o sistema escravista desempenhou o papel de desumanizar os negros, especialmente os trazidos da África, despojando-os de sua cultura, língua e saberes para sustentar a ideia de uma suposta inferioridade racial, legitimando, assim, a escravidão, bem como consolidando uma posição racial que persiste até hoje. Dessa forma, entende-se que o racismo estrutural, no Brasil, tem raízes nesse processo histórico, interseccionando o colonialismo, o capitalismo e o patriarcado. (NATAL, 2022).

Outro ponto relevante dessa contextualização é refletido por Lima e Silva (2001), tratando do período de pós-abolição no início do século XX, que é marcado pela chegada significativa de imigrantes europeus, o que intensificou a marginalização da população negra, assumindo posições mais valorizadas no mercado de trabalho, e sentenciando os negros libertos e seus descendentes para atividades vistas como subalternas ou de pouca dignidade, como o caso da limpeza urbana.

Sucintamente, a identidade dos garis é descrita pela estigmatização e a marginalização histórica e cultural, intensificada por disparidades raciais e de gênero. A negação dessa marginalização e a estratégia de resistência simbólica evidenciam a complexidade da sua batalha por reconhecimento e dignidade. A avaliação interseccional mostra como as opressões de gênero, classe e raça se interconectam para formar um contexto de exclusão múltipla, particularmente para as mulheres negras. A maior parte dos estudos elucidam a invisibilidade social como um problema significativo, porém, reforçam essa invisibilidade ao não aprofundarem as características identitárias dos garis.

Sendo assim, é relevante efetivar medidas estruturais que reconheçam a importância dos garis para combater a invisibilidade social e o estigma. É, também, essencial implementar políticas públicas que incentivem o reconhecimento cultural e social, a equidade racial e de gênero, além da valorização econômica, para quebrar os ciclos de exclusão e encorajar uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito desta pesquisa foi entender a identidade dos garis e sua saúde mental no contexto dos estudos científicos. Ela investigou como esses trabalhadores, muitas vezes expostos à invisibilidade social e a condições de trabalho adversas, formam suas identidades e gerenciam questões de saúde mental.

Reconhecemos que a natureza qualitativa e narrativa desta pesquisa pode incorporar interpretações subjetivas do pesquisador. No entanto, a experiência prática acumulada em estudos de campo com garis contribui para enriquecer a análise e trazer nuances que podem não ser percebidas apenas em uma abordagem teórica. Por outro lado, limitações como o acesso restrito a dados empíricos mais amplos foram mitigadas pela escolha de uma revisão narrativa, que possibilitou uma análise crítica e abrangente da literatura científica.

Essa investigação foi organizada com base em quatro objetivos específicos. O primeiro objetivo foi reconhecer e detalhar as características identitárias mais relevantes atribuídas aos garis nos estudos acadêmicos. Constatou-se que esses profissionais, com pouco estudo, moradores da periferia, em parte considerável negros, uma parcela de mulheres com dupla jornada de trabalho e provedoras de suas casas, lidam com condições de trabalho inadequadas, invisibilidade social e desigualdades estruturais, o que afeta sua identidade profissional e intensifica a estigmatização ligada à sua profissão. O segundo objetivo examinou os problemas de saúde mental dos garis, revelando altos índices de ansiedade, depressão e estresse, resultantes das condições de trabalho desfavoráveis e da ausência de reconhecimento social; do mesmo modo, a recorrência a substâncias como álcool e tabaco, para aliviar o estresse. Também se enfatizou a desigualdade de gênero, que impacta as mulheres, sujeitas a uma sobrecarga laboral e a uma maior vulnerabilidade.

O terceiro objetivo examinou o impacto das demandas sociais, profissionais e culturais nas pesquisas científicas relacionadas ao assunto. Foi observado que a maioria das pesquisas destaca os aspectos negativos da profissão, ignorando elementos como resiliência, resistência e táticas de superação utilizadas pelos garis. Finalmente, o quarto objetivo analisou as lacunas existentes na literatura, sugerindo estratégias para aprofundar o assunto. Detectou-se a escassez

de análises interseccionais, o que restringe o entendimento completo das dinâmicas que influenciam a vida desses empregados.

A experiência anterior em pesquisas de campo sobre a invisibilidade social dos garis, particularmente com base no trabalho de Fernando Braga da Costa (2008), *Moisés e Nilce: retratos biográficos de dois garis. Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas*, aprimorou consideravelmente a análise. A investigação realizada por Braga da Costa, baseada na observação dos participantes e relatos de vida, revelou a complexidade das experiências dos garis, proporcionando uma visão sensível e detalhada dos impactos da invisibilidade social na formação de suas identidades e no impacto em sua saúde mental. O conhecimento prático obtido através deste referencial teórico e metodológico possibilitou uma interpretação mais sensível e alinhada à realidade do grupo em estudo, garantindo que as nuances da experiência social e emocional dos trabalhadores fossem captadas e examinadas com criticidade.

A análise revelou que as pesquisas acadêmicas frequentemente enfatizam as condições de trabalho precárias, a invisibilidade social e os efeitos negativos na saúde mental e na identidade profissional dos garis, destacando a estigmatização e a desvalorização ligadas ao seu trabalho. No entanto, muitos estudos negligenciam a análise detalhada das características identitárias e dos problemas de saúde mental, frequentemente desconsiderando elementos fundamentais como gênero, raça e classe, particularmente quando se trata de mulheres negras. Embora se façam esforços para entender os desafios que esses trabalhadores enfrentam, ainda há uma lacuna na incorporação das necessidades sociais, profissionais e culturais nas análises acadêmicas.

Assim, a partir das descobertas e lacunas identificadas, é possível sugerir ações destinadas a aprimorar as condições laborais e a qualidade de vida dos garis. Inicialmente, é essencial estabelecer políticas que garantam jornadas de trabalho justas, o fornecimento apropriado de equipamentos adequados ao trabalho e proteção e a construção de locais de trabalho mais acolhedores. Ademais, é fundamental regularizar os salários e expandir os benefícios, para assegurar maior estabilidade financeira a esses profissionais.

Em relação à saúde mental, sugere-se a execução de programas de apoio psicológico ligados às empresas de limpeza urbana, que incluam atendimento especializado e intervenções psicossociais ajustadas às necessidades particulares

do grupo. Além disso, a criação de locais para convívio, entretenimento e cultura é uma ação singular para reduzir o estresse e favorecer o bem-estar dos garis.

As políticas governamentais também precisam dar prioridade à igualdade de gênero e à diversidade. Para satisfazer as demandas particulares das mulheres garis, é fundamental estabelecer iniciativas que incluam, por exemplo, creches e programas destinados a aliviar o estresse causado pela dupla jornada de trabalho. Neste cenário, faz-se essencial a inclusão de uma perspectiva interseccional nas políticas públicas, levando em conta as diversas facetas de desigualdade, tais como raça, gênero, posição social e orientação sexual, que impactam esses profissionais.

Do mesmo modo, sugere-se a execução de pesquisas que adotem uma perspectiva interseccional, examinando como os diversos marcadores sociais interagem na vida dos garis, dando destaque aos efeitos de raça, gênero e orientação sexual na saúde, nas condições laborais e na formação de sua identidade profissional. Frisando a necessidade de uma contribuição ativa dos garis na elaboração de estudos acadêmicos, bem como no planejamento de políticas públicas, garantindo que suas experiências e pontos de vista sejam considerados na elaboração de soluções mais eficazes.

Em última análise, é necessário fazer uma avaliação crítica das políticas públicas em vigor, com a finalidade de detectar falhas e sugerir medidas mais eficientes. Essas sugestões, quando combinadas, buscam não apenas aprimorar as condições laborais e a saúde mental desses trabalhadores, mas também enfrentar as disparidades estruturais e contribuir para uma mudança social que reconheça, valorize e traga visibilidade aos garis e a importância do trabalho realizado por eles e elas.

As informações usadas nesse estudo foram obtidas através de pesquisas em repositórios acadêmicos de renome, tais como UFPI, Google Acadêmico, SciELO e LILACS, empregando termos em português, tais como "gari", "limpeza pública", "trabalhadores" e "saúde mental". Embora a metodologia tenha sido rigorosa, constatou-se a presença de poucas pesquisas específicas sobre os garis, mesmo sem uma delimitação temporal precisa, revelando uma lacuna considerável na literatura científica. Este contexto enfatiza a necessidade de expandir as pesquisas sobre a categoria, tratando de maneira mais inclusiva suas condições de trabalho e sociais.

Dessa forma, este estudo não somente atingiu suas metas iniciais, como também possibilitou uma visão mais abrangente e multidimensional sobre as complexidades da profissão de gari, fornecendo contribuições relevantes para a elaboração de políticas e para a valorização social dessa categoria indispensável, porém tão negligenciada.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Lourdes Maria; ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. **A dinâmica de desigualdades e interseccionalidades no trabalho de mulheres da limpeza pública urbana: o caso das garis**. Mediações - Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 20, n. 2, p. 160–183, 2015. DOI: 10.5433/2176-6665.2015v20n2p160. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/24126>. Acesso em: 19 ago. 2024.

BARBOSA, Silvânia da Cruz *et al.* **Perfil de Bem-Estar Psicológico em Profissionais de Limpeza Urbana**. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/rpot/article/view/22209/20158>. Acesso em: 23 ago. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Almedina Brasil, 2016. 279 p.

CINTRA, S. L. A. D.; CORREIA, L. B. S.; TENO, N. A. C. **Pesquisa narrativa: Uma metodologia para compreender experiências formativas / Narrative research: A methodology to understand formative experiences**. Brazilian Journal of Development, [S. l.], v. 6, n. 9, p. 66451–66463, 2020. DOI: 10.34117/bjdv6n9-180. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/16333>. Acesso em: 6 jun. 2024.

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.

CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA ECONÔMICA & 16ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DE EMPRESAS, 15., 2023, Osasco. **HISTÓRIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO, HISTORIOGRAFIA E METODOLOGIA: Relações étnico-raciais e o mercado de trabalho: breves reflexões sobre a contribuição da teoria macroeconômica**. Osasco: Abphe, 2023. 19 p.

COSTA, Fernando Braga da. **Moisés e Nilce: retratos biográficos de dois garis**. Um estudo de psicologia social a partir de observações participantes e entrevistas. São Paulo: USP, 2008.

COSTA, Paulo Israel Leal da. **Análise discursiva sobre o serviço público de limpeza urbana e de manejo de RSU em Picos**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2017. Orientadora: Prof.^a Ma. Kary Emanuelle Reis Coimbra.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. “Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas” de Kimberle Crenshaw. **Revista Subjetiva**, [S.L.]. Traduzido por Carol Correia. Disponível em: <https://medium.com/revista-subjetiva/mapeando-as-margens-interseccionalidade-pol%C3%ADticas-de-identidade-e-viol%C3%A2ncia-contra-mulheres-n%C3%A3o-18324d40ad1f>. Acesso em: 10 dez. 2024.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. 5. ed. São Paulo: Cortez-Oboré, 2015.

EIGENHEER, Emílio Maciel. **Lixo, a Limpeza Urbana Através dos Tempos**. Porto Alegre, RS, 2009.

FERNANDES, Gabriela de Barros; SANTOS, Cynthia Adrielle da Silva; SILVA, Rafaela Carvalho Nascimento. A INVISIBILIDADE SOCIAL NO AMBIENTE DE TRABALHO: UM ESTUDO DE CASO COM OS TERCEIRIZADOS DE SERVIÇOS GERAIS DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 10, n. 27, p. 63-106, 23 abr. 2023. Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/farol/article/view/6658>. Acesso em: 10 set. 2024.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1963.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LANE, Silvia Tatiana Maurer. **O que é Psicologia Social**. 22. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. p. 16-22.

LIMA, Márcia; SILVA, Marcos Rodrigues da. **História do Trabalho e dos Trabalhadores Negros no Brasil**. São Paulo: Papirus - Assessoria Gráfica Ltda, 2001. 1 p. 1 v. Organização de João Carlos Nogueira.

MAGALHÃES, Edilane Jales Leite. **Condições de saúde e trabalho dos coletores de lixo em uma capital do nordeste do Brasil**. 2019. Disponível em: <https://assets.uninovafapi.edu.br/arquivos/subsites/mestrado/tcm/2021/edilane-tcm-29-06-2020.pdf>. Acesso em: 13 ago. 202.

MARIANI, F.; MATTOS, M. CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011. 250 p. Revista de Educação Pública, [S. l.], v. 21, n. 47, p. 663–667, 2012. DOI: 10.29286/rep.v21i47.1766. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/1766>. Acesso em: 19 dez. 2024.

MINAYO, M. C. S., Deslandes, S. F., Gomes, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade / Social research: theory, method and creativity**. Petrópolis: Vozes, 2016. 95 p.

MOTTA, G. M. V.; BORGES, L. O. **As condições de trabalho dos garis de varrição de ruas**. Arq. bras. psicol., Rio de Janeiro, v. 68, n. 3, p. 75-91, dez.

2016 . Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672016000300007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 27 nov. 2024.

NATAL, Alexandre Santos. Coordenador-Geral da Fenajud. **Racismo e Colonialismo no Brasil**. 2022. Publicado por FENAJUD. Disponível em: <https://fenajud.org.br/?p=12912>. Acesso em: 24 jan. 2025.

NAUJORKS, C. J., & Silva, M. K.. (2016). **Correspondência identitária e engajamento militante**. *Civitas - Revista De Ciências Sociais*, 16(1), 136–152. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2016.1.18139>

RABELLO, Josiane Alves Moraes. **Aspectos ergonômicos do cotidiano de trabalho nas atividades dos garis de capina e varrição em uma organização de limpeza urbana**. 2019. Orientado por Professora Dra. Raquel Pereira Belo. Disponível em: http://repositorio.ufpi.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2768/disserta%c3%a7%c3%a3o_ap%c3%b3s%20defesa%20biblioteca%20vers%c3%a3o%20final.pdf?sequence=1. Acesso em: 13 ago. 2024

RODRIGUES, Carlos Manoel Lopes *et al*. Condições de trabalho na limpeza pública: estresse e contexto dos trabalhadores terceirizados na capital brasileira. **Revista Saúde e Meio Ambiente**, Campo Grande, v. 14, n. 2, p. 1-13, 23 jul. 2022.

SANTOS, M. C. O.; LIMA, F. P. A.; MURTA, E. P.; MOTTA, G. M. V. **Desregulamentação do trabalho e desregulação da atividade: o caso da terceirização da limpeza urbana e o trabalho dos garis**. Production, [S.L.], v. 19, n. 1, p. 202-213, abr. 2009. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-65132009000100013>.

SILVA, Alisiario Lourenço da. **POLÍTICAS PÚBLICAS DE LIMPEZA URBANA E O PAPEL DOS AGENTES DE LIMPEZA PÚBLICA: UM ESTUDO EM PACATUBA-CEARÁ**. 2021. 35 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharel em Administração Pública, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2021.

SILVA, Mary Denísia de Jesus. **Invisibilidade social do profissional da limpeza pública “Gari” em São Félix**. p 55. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) - Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2019.

SILVA, Sonia Pereira da. **A cidade passada à limpo: condições de vida e experiência dos trabalhadores da limpeza pública, Uberlândia (1982-1997)**. 1999. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1999.

STRAUB, Richard O.. **Psicologia da saúde: uma abordagem biopsicossocial**. 3. ed. São Paulo: Artmed, 2014. 508 p. Tradução: Ronaldo Cataldo Costa.

TANOUE, Andressa Tiemi de Andrade; MASSUDA, Ely Mitie; MARIUSSO, Laís Medina; BOGADO, Amália Christina Brito Costa; PORCU, Mauro. **Ocorrência de Transtorno Depressivo e Ansioso em Trabalhadores do Serviço de Coleta de Lixo**. Temas em Saúde, [S.L.], v. 20, n. 5, p. 220-246, 2020. Even3. <http://dx.doi.org/10.29327/213319.20.5-12>.

WINNICOTT, Donald W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.